

REALIDADE DO POVO

Segunda-feira, 20 de outubro de 2025

Racha no poder em Formosa

Página 7



Ano 01 - Edição 06

@realidadedopovo

www.realidadedopovo.com

POLÍTICA

Quem pode mais?

Página 3

FOTOS: DIVULGAÇÃO



PESQUISA

Celina Leão amplia vantagem no DF, a máquina do governo dita a largada, aponta IGAPÉ

Página 5



ANÁPOLIS

A Marcha dos políticos com Vilela e sem lideranças do PL

Página 4



CULTURA

Menos virtual, mais arte para as crianças

Página 8



TEMPO HOJE

Brasília



Máxima 27°C Mínima 16°C
Tendência Estável

Goiânia



Máxima 32°C Mínima 19°C
Tendência Estável

Anápolis



Máxima 28°C Mínima 17°C
Tendência Estável

Artigo

Jammes Miller Bessa
jammes@unirv.edu.br



A Gaiola de Nossas Certezas



Machado de Assis nos legou, em seu conto “Ideias de Canário”, a mais perfeita e sutil armadilha para o orgulho humano. A história da pequena ave que define o mundo a partir de sua gaiola não é apenas literatura. É um espelho que reflete a fragilidade de nossas convicções mais profundas e a natureza subjetiva de nossa realidade.

O canário, ao ser questionado, responde com a soberba dos intelectuais. Da loja de quinquilharias, ele sentencia que o mundo é a loja, e tudo o mais é delírio. Somos todos um pouco como este pássaro. Limitamos o universo ao alcance de nossa visão, transformando nossa experiência pessoal, nosso pequeno cômodo, na medida de todas as coisas.

Quando seu ambiente muda para um jardim, sua definição de mundo se expande, mas sua lógica permanece a mesma. A verdade se adapta ao novo contexto, provando que nosso conhecimento não é estático. Nossas certezas mais sólidas são, muitas vezes, apenas verdades provisórias, construídas a partir das paredes que nos cercam no momento.

O ápice da ironia machadiana surge com a liberdade. No espaço infinito, o canário não apenas esquece suas antigas realidades. Ele as nega com desdém, chamando de louco quem o recorda de suas gaiolas passadas. Quantas vezes, ao mudarmos de vida ou de opinião, tratamos nosso próprio passado como uma forma de loucura a ser esquecida?

O conto é um convite à humildade epistemológica. Ele nos força a questionar a solidez de nosso saber. Nossos mais elaborados sistemas de conhecimento, nossas mais firmes ideologias, podem ser apenas versões ampliadas e mais sofisticadas da gaiola do canário, sempre parciais, sempre fragmentadas.

Machado nos mostra que toda verdade é uma construção. O que consideramos real é um reflexo direto do ponto de onde observamos. A arrogância intelectual reside em esquecer que sempre há um mundo vasto e desconhecido para além das grades de nossa percepção.

Vivemos em um tempo de certezas gritadas e verdades absolutas defendidas com fúria. Cada grupo, cada indivíduo, parece convencido de que sua gaiola particular é a representação fiel do universo, e que tudo o mais é “ilusão e mentira”.

A questão que Machado nos deixa, ecoando através das décadas, é se teremos a coragem de reconhecer as grades que nos limitam. Afinal, qual é o tamanho real de sua gaiola?

Jammes Miller Bessa é Pós-Doutor em Direito, Advogado, Professor Universitário e Procurador do Município de Rio Verde

Realidade POLÍTICA

Felipe Neiva
felipeneiva@realidadedopovo.com



Rumo ao senado

Depois de ter sido poupado pelo Plenário, Gustavo Gayer (PL-GO), já trocou o binóculo de espectador pelo mapa do tesouro. Agora o horizonte chama-se Senado, e nãoensem que é passeio, o homem voltou mais calejado, mais cirúrgico e com paciência de xadrez. Enquanto os adversários se entretêm em discursos inflamados e reuniões de gabinete pra inglês ver, Gayer sorri por dentro, aprendeu com as tempestades a não responder a todas as provocações. Estrat-

tégia, meus caros, não é brava-ta, é escolher o golpe certo na hora certa. E aqui vai a parte que dói, Goiás renovará duas vagas para o Senado em 2026, terreno fértil para quem não quer só participar do coro, mas ser o maestro da orquestra. Se os adversários acham que vão abalar o homem com ataques repetidos e escândalos reciclados, que se preparem, ele quer mais que disputar, ele quer ser o mais votado. Resumo para os que preferem enxergar pelo retrovisor, parem de xingar



Fotos: Divulgação

pelo Twitter e comecem a estudar o tabuleiro, porque provocar Gayer pode até render manchete, só que, lá na urna, manchete não ganha voto.



Alexandrino (PSD-GO), deputado goiano e articulador exímio, que segundo aliados colocou todo o seu trânsito no Congresso a serviço da salvação. Foi ele quem costurou apoios, alinhou vozes do centrão e chamou para si a tarefa de transformar desavenças antigas em votos de absolvição, com a eficiência de quem conhece cada corredor da Casa.



PSD, ofi de prata

A articulação no plenário para salvar Gayer, teve ingredientes políticos que merecem nota, já que contou com o PSD e com alguns partidos de centro, partidos que Gustavo Gayer já criticou publicamente em outras ocasiões, especialmente o PSD, mas que no episódio abriram mão das diferenças para votar em bloco pela absolvição. Deputados do PSD compareceram em massa à sessão e foram determinantes para compor a maioria que livrou o parlamentar do risco de cassação, e logo após o resultado Gayer apareceu em um vídeo agradecendo aos colegas, em tom sóbrio, pela “confiança” e pela “responsabilidade institucional”.



O articulador

A articulação teve um protagonista claro, o deputado Ismael

Agrandelição

No universo da política, gestos assim não são raros, e servem tanto para selar acordos, quanto para lembrar que desavenças de ontem podem virar apoios de hoje, quando a conveniência política assim exige, e o plenário mostrou, mais uma vez, que unidade momentânea é ferramenta tão poderosa quanto a crítica pública durante as campanhas.



Eo Caiado, hein?

Pois é, o Supremo decidiu puxar o freio de mão das tão festejadas obras bancadas pela Taxa do Agro. A famosa galinha dos ovos de ouro

do governador Ronaldo Caiado, que agora ficou sem as obras, sem o discurso e, pelo jeito, sem rumo. O IFAG, cofrinho das promessas, teve suas atividades suspensas, e os bilhões que iriam virar asfalto ficaram no meio do caminho. Agora o governo se vê diante de um cenário curioso, e talvez até pedagógico, puniu quem o elegeu, taxou o agro que sempre o defendeu, e no fim ficou com as mãos abanando. O discurso inflamado continua, mas o legado, esse mesmo, parou na BR da frustração. E o Daniel, que herdaria o bonde das obras, vai ter de empurrar o carro no braço. Sem obra, sem vitrine e com o povo olhando. Realidade é isso aí, quando a política força demais, a conta chega, e o asfalto não.



Cotadíssima

Andreia Rezende (AVANTE), presidente da Câmara Municipal de Anápolis, virou o nome da vez nos bastidores da política goiana, cotadíssima para ser vice de um candidato ao governo que vem crescendo nas pesquisas. Andreia reúne qualidades que toda campanha valoriza, é de Anápolis, preside a Câmara e, ironicamente, integra o grupo do principal adversário do candidato que a quer na chapa. A possível candidatura (a federal) dela também tem tirado o sono dos deputados federais importados que o prefeito Márcio Corrêa (PL) tenta emplacar na cidade, afinal, se Andreia entrar no jogo, boa parte dos votos que eles esperavam colher aqui tende a migrar para o nome local.

CIDADES

Quem pode mais?

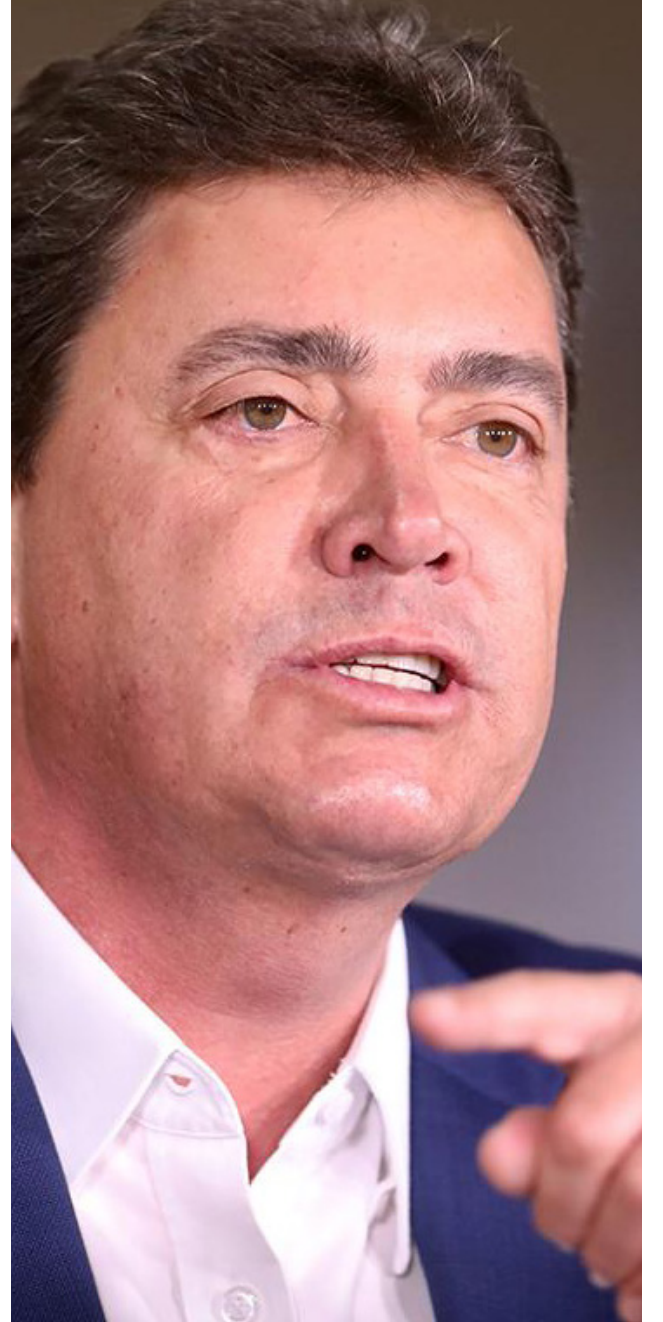
FOTOS: DIVULGAÇÃO



Marconi e o peso de seus quatro governos



Vilela saberá operar a máquina e vencer?



Wilder e o Bolsonarismo, polarizar será o caminho

A disputa pelo governo de Goiás em 2026 já está em curso, mesmo faltando mais de um ano para o início oficial da campanha.

Léo Batista

As últimas pesquisas indicam um cenário de equilíbrio entre três nomes consolidados da política goiana: o ex-governador Marconi Perillo, do PSDB, o senador Wilder Moraes, do PL, e o atual vice-governador Daniel Vilela, do MDB. O que antes parecia uma movimentação de bastidor hoje se transformou em um embate real pela sucessão estadual.

MARCONI PERILLO APOSTA NA EXPERIÊNCIA E NO SENTIMENTO DE SEGURANÇA

Quatro vezes governador, Marconi Perillo volta ao centro do debate com o peso da experiência e o reconhecimento de quem

deixou marcas profundas na história recente de Goiás. O tucano mantém capilaridade política em todas as regiões do estado e, segundo analistas, volta a despertar entre os eleitores um sentimento de segurança e estabilidade administrativa.

Há uma percepção de que parte da população, especialmente o eleitor mais conservador e de perfil pragmático, pode preferir entregar novamente o comando do estado a quem já demonstrou capacidade de governar. Essa leitura ganha força diante de um cenário de incertezas econômicas e políticas, em que a experiência e o conhecimento da máquina pública voltam a ser vistos como valores.

Marconi, que hoje preside o PSDB nacional, tem reativado antigos aliados e ampliado pontes com novos grupos regionais. Mesmo após ter sido alvo de investigações, das quais foi absolvido ou teve processos arquivados, ele se recolocou como uma das figuras mais competitivas da política goiana. Seus

defensores argumentam que Goiás cresceu em infraestrutura, educação e investimentos durante suas gestões e que isso reforça a ideia de que o estado poderia “voltar a dar certo” sob sua liderança.

WILDER MORAIS REPRESENTA A FORÇA DA DIREITA E O LEGADO BOLSONARISTA

Enquanto Marconi mira o eleitorado que valoriza experiência e resultados administrativos, Wilder Moraes tem se firmado como o principal nome da direita em Goiás. Presidente estadual do PL e senador em seu segundo mandato, Wilder construiu uma base sólida entre conservadores, empresários e evangélicos.

Com a provável ausência de Jair Bolsonaro na eleição presidencial de 2026, o senador deve herdar o espaço e o capital político do bolsonarismo no estado. Nas pesquisas, ele já aparece tecnicamente empatado com Marconi e Daniel Vilela, o que demonstra que sua influência extrapolou

a militância ideológica e alcançou o eleitor comum.

Wilder tem apostado em um discurso direto, ancorado na defesa de valores morais, na pauta da segurança pública e na ideia de gestão eficiente e enxuta. Além do apoio de Bolsonaro, que deve formalizá-lo como candidato do PL em Goiás, o senador tem ampliado o diálogo com prefeitos e lideranças regionais. Sua estratégia é consolidar-se como o nome que unifica a direita e canaliza o sentimento de oposição à atual administração estadual.

DANIEL VILELA, A FORÇA DA MÁQUINA E O PESO DOS COMPROMISSOS

No centro desse embate está o vice-governador Daniel Vilela, que assumirá o comando do estado quando Ronaldo Caiado renunciar para disputar a Presidência da República. Daniel herdará a estrutura administrativa, o tempo de exposição e o legado de um governo bem avaliado, mas também os compromissos

e as amarras deixadas pela gestão atual.

O futuro governador não poderá prometer grandes transformações, já que parte significativa do orçamento e das políticas públicas estará comprometida com acordos firmados por Caiado. Essa limitação o coloca em uma posição delicada: terá de defender a continuidade do governo, sem conseguir simbolizar plenamente a renovação que uma candidatura precisa representar.

Mesmo assim, Daniel é considerado um nome forte. Jovem, com trânsito em Brasília e em diversos setores da política goiana, ele representa a aposta na continuidade e na estabilidade institucional. Seu desafio será manter unida a base construída por Caiado e resistir à ofensiva dupla de Marconi e Wilder, que vêm de campos políticos diferentes, mas com o mesmo objetivo de conquistar o eleitor insatisfeito.

UM EMBATE DE GIGANTES

O cenário de 2026

se desenha com clareza e intensidade raras. De um lado, Marconi Perillo tenta transformar o sentimento de nostalgia e confiança em votos, apostando na lembrança dos tempos de crescimento e dinamismo de seus governos. De outro, Wilder Moraes busca consolidar a direita e transformar o apoio de Bolsonaro em capital eleitoral efetivo. No centro, Daniel Vilela carrega o peso da máquina estadual e a missão de provar que pode dar continuidade ao projeto de Caiado sem se tornar refém de sua sombra.

A eleição goiana de 2026, portanto, já não é uma projeção. É uma disputa em movimento, com três projetos bem definidos, três líderes consolidados e um eleitorado atento às diferenças que os separam. A partir de agora, cada gesto, cada discurso e cada aliança começa a definir o rumo de uma das disputas mais equilibradas e imprevisíveis da história recente do estado.

ANÁPOLIS

A Marcha dos políticos, mas sem o PL

DIVULGAÇÃO

A reabertura da Marcha pra Jesus na cidade depois de oito anos trouxe o repertório esperado, coros, bandeiras, caminhões de som e selfies, mas também apresentou um detalhe curioso, político, e altamente fotografável, Ronaldo Caiado (União), Daniel Vilela (MDB), Gracinha Caiado (União) e Márcio Corrêa (PL) marcharam lado a lado, sorrindo para as lentes como quem pratica a liturgia das boas imagens.



Daniel Vilela (MDB), ungindo o bolsonarista, Márcio Corrêa (PL)

Leo Batista

Nenhuma liderança estadual do Partido Liberal apareceu.

Foi um desfile de autoridade com checklist de relações públicas, fotos combinadas, abraços protocolados, e muita pose institucional, sem espaço, ao que tudo indica, para a mobilização que em 2024 costumava transformar procissões em palanque. A fila dos barulhentos do PL, aqueles que entoavam o nome do “mito”, e chamavam o povo o “lado

certo”, parece ter preferido bater ponto em outros compromissos, ou talvez simplesmente optar por assistir ao espetáculo das arquibancadas.

A ausência do bolsonarismo em peso deu ao evento uma cara diferente, mais contida, menos inflamável, e irônico o bastante para fazer qualquer jornalista lembrar que a fé também admite escala de prioridades. O que se viu foi uma marcha onde o protagonismo político

co se alinhou à máquina do governo estadual, ao aparato municipal, e ao atendimento ao público, em vez das tradicionais cataratas de bandeiras verde-amarelas e megafones vociferantes.

Caiado (União) ocupou o centro das atenções com aquela serenidade de quem já decorou poses para inauguração. Vilela (MDB) manteve a composta postura do vice pronto para a foto, Gracinha Caiado (União) fez o

círculo das simpatias distribuindo acenos e apertos de mão, e Márcio Corrêa (PL) assumiu o papel de anfitrião, recebendo cumprimentos como se cada aperto de mão fosse carimbo de prestígio.

O contraste com a campanha do ano passado foi nítido, e não só por conta das ausências. Onde havia gritos de campanha, agora havia faixas de militância, agora havia faixas de igreja, e no meio

dessa troca de figurino político, sobrou para o bolsonarismo o papel de espectador, observando a posse simbólica do espaço por lideranças locais e estaduais.

Para os observadores que gostam de ler entre as fileiras, a leitura é clara, pragmática e um pouco implacável, os que detêm mandato aproveitaram a vitrine, os que detêm militância agitaram menos bandeiras, e a Marcha pra Jesus acabou servindo de

termômetro, não religioso, mas político, sobre quem está em campo e quem ficou de repouso tático.

Se a expectativa era ver o retumbante coro bolsonarista, ficou para próxima, se houver próxima. Enquanto isso, a cidade teve sua marcha, a política teve sua aparição pública, e a fé, no meio de tanto aceno, seguiu o seu caminho, menos barulhenta, talvez mais discreta, e com bem menos gritos por milagres políticos.

CONEXÃO ATUAL NEWS



SEGUNDA A SEXTA
DAS 19H00 ÀS 19H45



TV ATUAL



NEWS



VINÍCIUS PORTUGAL
APRESENTADOR



EUBE MESSIAS
CIENTISTA POLÍTICO

TVATUAL.COM.BR TVATUALRECORDNEWS

SINTONIZE NA TV ABERTA DA SUA CIDADE E NA NOVA PARABÓLICA
PELO CANAL 63 EM TODO O TERRITÓRIO NACIONAL

POLÍTICA

Celina Leão amplia vantagem no DF, a máquina do governo dita a largada, aponta IGAPE

A mais recente pesquisa do Instituto Gazeta de Pesquisas, IGAPE, divulgada em outubro de 2025, mostra que a vice-governadora Celina Leão lidera a corrida pelo Governo do Distrito Federal com 27,8% das intenções de voto, abrindo vantagem de 14,4 pontos percentuais sobre o segundo colocado.

Eube Messias

A força da máquina do governo e a capilaridade política do governador Ibaneis Rocha aparecem como fatores determinantes para a liderança de Celina, que se beneficia diretamente da associação com a atual gestão e da ausência de um bloco de oposição unificado.

Segundo o levantamento, o segundo colocado é o ex-governador José Roberto

Arruda, com 13,4%, seguido por Leandro Grass, que tem 11,2%, e Fred Linhares, com 9,9%. Os demais candidatos, Ricardo Cappelli, Izalci Lucas e Paula Belmonte, aparecem abaixo dos 6%. Ainda há um contingente significativo de eleitores indecisos, 13,3%, além de 12,9% que pretendem votar em branco ou nulo, o que deixa o jogo aberto e mostra que um quarto do eleitorado ainda não definiu voto.

O fator Ibaneis, conforme o relatório do IGAPE, é central para explicar o desempenho de Celina. O governador mantém uma estrutura administrativa robusta, sustentada por uma agenda de obras e programas espalhados por todas as regiões, o que garante presença constante na mídia, vitrines de gestão e endosso político que tende a favorecer sua aliada. Além disso, a boa avaliação do governo amplia a possibilidade de transferência de votos, fortalecendo a narrativa de continuidade com resultados. A fragmentação do campo oposicionista também ajuda a candida-



Arruda quer voltar

ta governista, uma vez que quanto mais dividida a oposição, maior é a tendência de o governismo capturar o chamado voto útil na reta final do primeiro turno.

O instituto também avaliou o desempenho individual dos principais nomes. Celina Leão aparece com vantagem folgada, apoiada pela estrutura de Ibaneis e pelo reconhecimento do eleitorado. Entre seus desafios, está o de defender a gestão em áreas sensíveis como mobilidade, saúde, segurança pública e creches, evitando o desgaste natural de quem representa a conti-



Celina na dianteira natural

nuidade.

José Roberto Arruda, em segundo lugar, conta com recall político elevado e um eleitorado fiel, especialmente entre quem valoriza experiência e histórico de obras, mas enfrenta rejeição significativa que dificulta seu avanço em um eventual segundo turno. Já Leandro Grass é o nome mais competitivo do campo progressista, com discurso de transparência e foco em políticas sociais, porém precisa ampliar penetração nas periferias e entre eleitores moderados. Fred Linhares vem em crescimento no

grupo intermediário, com apelo de renovação e perfil de gestor privado, mas ainda carece de visibilidade e precisa apresentar um plano mais concreto para o Distrito Federal.

Entre os demais candidatos, Ricardo Cappelli tem imagem de gestor técnico e perfil eficiente, mas sofre com baixo conhecimento público e falta de estrutura. Izalci Lucas aposta na experiência legislativa e na articulação política, embora enfrente dificuldades de visibilidade. Paula Belmonte, por sua vez, tenta consolidar sua marca em pautas de controle de gastos e primeira infância, explorando o potencial das redes sociais, mas ainda com escala e reconhecimento limitados.

O levantamento mostra que há um espaço expressivo para disputa. Os indecisos, que somam 13,3%, tendem a definir voto apenas na reta final, e a agenda de entregas regionais e visitas presenciais será determinante. Já o grupo que pretende votar em branco ou nulo pode diminuir se houver polarização clara

entre continuidade e mudança. O centro moderado, por sua vez, será decisivo no segundo turno e deve priorizar propostas objetivas nas áreas de segurança, transporte e saúde, com metas mensuráveis e viabilidade de execução.

A pesquisa IGAPE revela, portanto, que Celina Leão começa em posição privilegiada, sustentada pela força de Ibaneis Rocha e pela divisão dos adversários, mas o jogo ainda está em aberto. Com 26,2% do eleitorado entre indecisos e votos brancos ou nulos, o desempenho dos candidatos dependerá da capacidade de formar alianças sólidas, manter uma comunicação eficiente e apresentar soluções concretas para os principais problemas do Distrito Federal.

O levantamento foi realizado nos dias 10 e 11 de outubro de 2025, com 3.009 entrevistas presenciais em todas as regiões administrativas do DF. A margem de erro é de 1,8 ponto percentual, para mais ou para menos, com nível de confiança de 95%.

ANALISE

Lula lidera no DF, mas a maioria do eleitorado inclina à direita

Eube Messias

Na pesquisa do Instituto Gazeta de Pesquisas, IGAPE, realizada nos dias 10 e 11 de outubro de 2025, com 3.009 entrevistas presenciais no Distrito Federal, mostra que o presidente Lula, do PT, mantém a liderança na corrida eleitoral com 31,8% das intenções de voto, mas enfrenta um cenário de avanço consistente dos nomes ligados à direita. O levantamento, com margem de erro de 1,8 ponto percentual e nível de confiança de 95%, aponta Eduardo Bolsonaro, do PL, com 23,6%, o governador de Goiás, Ronaldo Caiado, do União Brasil, com 19,3%, e o governador de Minas Gerais, Romeu Zema, do Novo, com 7,9%. O resultado indica que, embora Lula ainda apareça à frente, o campo conservador soma maioria e vem se consolidando no DF, impulsionado pela influência política e administrativa do governador Ibaneis Rocha, do MDB.

Em 2022, Lula teve 37,4% dos votos válidos no primeiro turno no Distrito Federal, atrás apenas de Jair Bolsonaro, que obteve 51%. Agora, com

31,8%, o petista perde cerca de 5,6 pontos percentuais em relação à eleição anterior, sinalizando desgaste e certo cansaço entre parte dos eleitores que o apoiaram. O resultado reflete a resistência histórica do eleitorado brasileiro à esquerda, já que o DF mantém perfil mais conservador, com presença expressiva de servidores públicos, forças de segurança e militares. Mesmo liderando, Lula tem dificuldade de crescer entre eleitores de centro e entre funcionários públicos, segmentos nos quais Ibaneis exerce forte influência.

O governador do DF, reeleito com ampla vantagem em 2022 e mantendo avaliação positiva, é apontado como peça-chave no cenário local. O chamado "efeito Ibaneis" tem peso direto na configuração eleitoral do Distrito Federal. Embora mantenha boa relação institucional com Lula, Ibaneis é visto como gestor técnico e pragmático, o que o aproxima de nomes como Ronaldo Caiado e Romeu Zema. Essa ambiguidade pode favorecer o avanço da centro-direita, especialmente se o governador decidir atuar mais diretamente



Lula segue liderando

na articulação política ou manifestar preferência por um nome de perfil administrativo. Internamente, lideranças do MDB-DF avaliam que Ibaneis pode ser o fiador de uma candidatura de gestão, o que tende a beneficiar Caiado, hoje bem avaliado em Goiás e reconhecido nacionalmente pela capacidade administrativa.

Com 19,3% das intenções de voto, Ronaldo Caiado desponta como terceira força e possível nome de crescimento dentro do campo da direita. O desempenho é expressivo, considerando que o goiano não possui base eleitoral direta no DF. O resultado é atribuído, em grande parte, ao reflexo positivo de sua gestão em Goiás, comparada de forma favorável à

de Ibaneis em áreas como segurança pública, saúde e infraestrutura. Caiado ainda colhe apoio no Entorno do Distrito Federal, onde seu governo é aprovado por quase 90% dos goianos, segundo pesquisas regionais. Analistas políticos avaliam que o governador pode se tornar o nome de consenso da direita moderada, caso Eduardo Bolsonaro enfrente limites de rejeição junto ao eleitorado mais urbano e institucionalizado da capital.

Eduardo Bolsonaro, com 23,6%, consolida-se como herdeiro direto da base eleitoral do pai, o ex-presidente Jair Bolsonaro, que em 2022 obteve mais de 51% dos votos no Distrito Federal. O deputado aparece como o principal representante do eleitor conservador e evangélico, mantendo alta fidelidade entre os apoiadores do bolsonarismo. No entanto, enfrenta o desafio de ampliar sua base para além do eleitorado ideologicamente fiel. O público brasileiro é politizado e exigente, e parte dos antigos apoiadores de Bolsonaro já demonstra preferência por alternativas com perfil mais técnico, como Caiado ou Zema.

Romeu Zema, com 7,9%, aparece de forma discreta, mas mantém presença estável no debate nacional. Sua imagem de gestor eficiente e de defensor do equilíbrio fiscal agrada ao público liberal e empresarial do DF, mas a falta de estrutura partidária e visibilidade nacional limita seu avanço. Analistas o classificam como um coadjuvante estratégico, que pode apoiar ou ser apoiado em uma futura aliança, caso o campo da direita decida unir forças.

O dado mais significativo do levantamento é a soma de 50,8% das intenções de voto entre os três nomes da direita — Eduardo Bolsonaro, Ronaldo Caiado e Romeu Zema —, o que confirma a tendência de que a maioria do eleitorado do DF se inclina à direita. A disputa pela segunda vaga no segundo turno, entre Eduardo e Caiado, deve ser o ponto-chave da eleição. Caiado vem crescendo entre indecisos e pode disputar o voto útil com o deputado do PL, especialmente se Ibaneis, de maneira direta ou indireta, sinalizar apoio a um nome mais técnico.

Entre os indecisos, que representam 10,5%, e os eleitores que pretendem votar em branco ou nulo, 6,9%, há espaço considerável para mudança. Esse grupo tende a se posicionar apenas na reta final da campanha, migrando para o candidato mais competitivo do campo anti-PT. Analistas ponderam que o cenário ainda pode ser alterado até 2026, a depender do desempenho da economia nacional e de eventuais fatos políticos que modifiquem o humor do eleitorado.

O levantamento do IGAPE confirma que Lula mantém a dianteira, mas sua base se mostra reduzida e sob crescente pressão da direita, que vem se reorganizando e ampliando presença no Distrito Federal. O efeito Ibaneis reforça o peso da gestão local e a valorização da eficiência administrativa sobre a ideologia. Nesse contexto, a ascensão de Ronaldo Caiado e o papel de Ibaneis Rocha podem transformar o DF em um dos principais laboratórios políticos da disputa nacional, onde o embate entre a esquerda consolidada e a nova direita em formação começa a tomar forma.

EDUCAÇÃO

Rio Verde se firma entre as melhores do país na educação e vira exemplo

Rio Verde voltou a ganhar manchetes nacionais ao consolidar um desempenho de destaque na educação básica, resultado de anos de investimento focado em alfabetização, formação de professores e gestão escolar

João Gabriel

Dados e premiações recentes colocam o município entre as cidades brasileiras com melhor desempenho educacional, resultado que a prefeitura atribui a políticas públicas consistentes e que já começa a atrair atenção de gestores de outras regiões. Segundo o balanço divulgado pela própria administração municipal e repercutido pela imprensa local, Rio Verde obteve posição de destaque no Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb 2023) entre municípios com mais de 100 mil habitantes, com média de 7,7 nos anos iniciais, e recebeu certificação e premiação do Ministério da Educação em 2025 por resultados e práticas consideradas exemplares. A prefeitura come-



Prefeitura municipal festeja os resultados

morou o reconhecimento como reflexo de “anos de esforço, dedicação e amor à educação”.

O Ideb é hoje o principal termômetro público da qualidade da educação básica no Brasil, combinando desempenho em avaliações padronizadas com taxa de aprovação. Relatórios e bancos de dados especializados mostram que Rio Verde vem alcançando notas acima da média nacional e ocupa posições de destaque entre municípios de porte semelhante.

Esses avanços aparecem de forma consistente em plataformas que monitoram o Ideb e outros indicadores educacionais. A Câmara Municipal e secretários locais usaram os resultados para ressaltar ganhos da rede municipal e dos programas de alfabetização precoce, e para justificar a continuidade de investimentos em formação de professores, infraestrutura e tempo integral. Em documentos oficiais e notas públicas, vereadores e gestores destacam que a cidade

“se firma como referência nacional na Educação”.

Analistas apontam alguns fatores que costumam influenciar saltos de desempenho como o observado em Rio Verde, entre eles o foco em alfabetização até os 8 anos, programas de monitoramento contínuo da aprendizagem, oferta de jornada ampliada em unidades selecionadas, formação continuada de docentes e articulação entre secretarias de educação e assistência social para reduzir evasão. A prefeitura diz ter concentrado

esforços exatamente nessas frentes, com resultados visíveis nas avaliações.

O diagnóstico mais consensual entre especialistas é que a vitória mais difícil vem depois do reconhecimento: manter políticas públicas orientadas por dados, evitar descon continuidades orçamentárias, ampliar a formação docente e levar as boas práticas a todas as escolas da rede, inclusive às zonas rurais e aos grupos socioeconomicamente mais vulneráveis. Rio Verde, afirmam gestores, já tem planos nesse

sentido, e críticos lembram que resultados podem regredir se programas se desincronizarem com metas claras e avaliação contínua.

Rio Verde ganhou neste ciclo um lugar de destaque no debate sobre educação municipal no Brasil. O reconhecimento abre janelas para trocas técnicas com outras redes e para atração de projetos educacionais, mas também traz responsabilidade: transformar o sucesso pontual em qualidade educacional sustentada para toda a população escolar.

COMENTÁRIO

Por que as outras cidades goianas não acompanham o ritmo de Rio Verde na educação

João Gabriel

O sucesso de Rio Verde em educação não é obra do acaso, e justamente por isso evidencia um contraste incômodo: por que a maioria dos municípios goianos não consegue alcançar resultados semelhantes? A resposta passa por um conjunto de fatores que vão muito além das salas de aula, e revelam o peso da gestão, do planejamento e, principalmente, da continuidade das políticas públicas.

Enquanto Rio Verde apostou em uma estrutura de gestão educacional com metas de longo prazo, acompanhamento técnico constante e autonomia

da Secretaria Municipal de Educação, muitos municípios ainda tratam a educação como vitrine eleitoral ou instrumento de conveniência política. Trocam-se secretários a cada mudança de governo, interrompem-se programas que estavam dando certo e, em muitos casos, os cargos de direção escolar continuam sendo distribuídos por critérios políticos, e não técnicos. Essa instabilidade administrativa, típica de boa parte das prefeituras do interior, destrói a chance de consolidar políticas pedagógicas duradouras.

Outro ponto essencial está na capacidade financeira. Rio Verde tem uma das economias municipais

mais fortes de Goiás, impulsionada pelo agronegócio, o que se traduz em mais investimentos próprios, escolas bem estruturadas e programas complementares que a maioria das cidades menores simplesmente não consegue bancar. Municípios dependentes quase exclusivamente do Fundeb vivem no limite, pagam folha de professores e mal sobra para capacitação, material didático atualizado ou tecnologia educacional.

Há também um fator de cultura institucional. Em Rio Verde, a educação virou prioridade de Estado, uma bandeira que atravessou gestões. O município conseguiu manter foco na alfabetização e na formação

continuada dos docentes, investindo em monitoramento de desempenho e em um corpo técnico estável, que não é desmontado a cada troca de comando. Em contraste, em outras cidades goianas, a ausência de planejamento faz com que cada gestão queira “reinventar a roda”, iniciando novos programas antes mesmo de avaliar os resultados dos anteriores.

Outro problema recorrente está na defasagem da formação docente e na falta de apoio pedagógico contínuo. Há municípios que ainda tratam capacitação como evento pontual, um curso rápido para cumprir tabela, e não como processo permanente de

desenvolvimento profissional. Rio Verde, ao contrário, criou uma política de valorização e formação sistemática, com metas claras e acompanhamento dos resultados de aprendizagem.

Por fim, é preciso reconhecer que a gestão de Rio Verde soube aliar tecnologia, metas e acompanhamento. As escolas da rede municipal contam com sistemas de monitoramento de desempenho, avaliações diagnósticas periódicas e um modelo de gestão escolar que envolve pais e professores na rotina pedagógica. Em muitos municípios, essa cultura de avaliação ainda é vista como “burocracia” ou “pressão

sobre o professor”, e não como ferramenta de aprimoramento.

O caso de Rio Verde mostra que a excelência educacional não se alcança apenas com recursos, mas com foco, planejamento e continuidade. O que falta aos demais municípios goianos é justamente transformar boas intenções em política pública consistente. Enquanto a educação for tratada como bandeira de ocasião, e não como projeto de Estado, Rio Verde continuará sendo exceção, e o resto do mapa goiano seguirá tentando entender, de quatro em quatro anos, por que ainda não conseguiu chegar lá.

POLÍTICA

Ruptura em Formosa expõe desgaste político e crise silenciosa dentro da Prefeitura

O afastamento do vice-prefeito de Formosa, Ramos Somar, da gestão municipal, anunciado por meio de uma nota pública nas redes sociais nesta quarta-feira, 15 de outubro, escancarou uma crise que há meses vinha sendo comentada nos bastidores da política local.

Felipe Neiva

Embora o texto divulgado por Ramos tenha sido redigido em tom sereno e institucional, a decisão é carregada de simbolismo político e indica o rompimento definitivo da aliança que o elegeu ao lado da atual prefeita.

A nota, apresentada como um ato de reflexão, tenta manter um discurso de equilíbrio, mas o conteúdo revela um claro desalinhamento político. Ao afirmar que “diferenças de pensamento e de condução” o levaram ao afastamento, Ramos deixa evidente que o convívio administrativo com a prefeita tornou-se insustentável. A expressão “seguir uma linha de trabalho diferente” traduz, de forma diplomática, uma ruptura construída ao longo de divergências acumuladas sobre o rumo da cidade, a forma de governar e o tratamento dado a aliados e à própria máquina pública.

Nos corredores da Prefeitura, o movimento do vice-prefeito não foi recebido com surpresa, mas com a confirmação de um rumor que já circulava entre vereadores, secretários e lideranças locais. Há meses, interlocutores apontavam o distanciamento entre Ramos e a prefeita, motivado por desencontros administrativos, decisões centralizadas e, sobretudo, pela dificuldade de diálogo interno. O que antes era uma parceria eleitoral transformou-se em uma convivência institucional fria, marcada por diferenças de estilo e de prioridades.

Ramos Somar sempre se destacou como um político de perfil técnico, mais afeito ao diálogo e à mediação, enquanto a prefeita, segundo aliados, concentra decisões e mantém um núcleo restrito de confiança, o que teria provocado desconforto dentro da própria base governista. O afastamento do vice, portanto, é a consequência

visível de um governo fragmentado, onde as pontes políticas foram se rompendo silenciosamente até o anúncio público da separação.

Em sua nota, o vice-prefeito fez questão de afirmar que não se coloca como oposição e que continuará exercendo o cargo com responsabilidade, diálogo e transparência. É um discurso prudente, mas que carrega a ambiguidade de quem tenta preservar o mandato sem fechar portas para o futuro. Ramos sabe que, em cidades como Formosa, a política é feita de gestos públicos e silêncios calculados, e o seu afastamento representa, de fato, um divisor de águas na cena local.

A reação política ao comunicado foi imediata. Parte dos vereadores da base enxergou o gesto como uma crítica velada à condução da prefeita, enquanto setores independentes interpretaram o afastamento como um reposicionamento estratégico de Ramos, mirando o próximo ciclo eleitoral. Nos grupos políticos da cidade, a leitura predominante é de que o vice rompeu com a gestão, mas tenta preservar a imagem de equilíbrio e responsabilidade institucional, uma postura que pode ser útil em um futuro projeto político.



Prefeita e vice não se entendem mais

A decisão de se afastar das atividades diretas da administração municipal, ainda que comedida nas palavras, traz implicações profundas. Em termos práticos, o vice-prefeito deixa de participar das decisões e ações da Prefeitura, abrindo espaço para uma gestão ainda mais centralizada. Politicamente, o gesto fragiliza a prefeita, que perde um aliado de peso e se vê diante de um cenário de isolamento crescente dentro do próprio governo.

Mais do que um rompimento pessoal, o episódio simboliza o esgotamento de um modelo político. A aliança que venceu as urnas em Formosa nasceu sob o discurso da unidade, da modernização administrativa e da superação das disputas locais, mas se perdeu no ca-

minho. O que se vê agora é o resultado de um governo que não conseguiu harmonizar suas forças internas nem manter a coesão entre seus principais líderes.

Ramos, ao se retirar, parece querer preservar seu capital político e sua imagem de gestor equilibrado, em contraste com o desgaste crescente da administração municipal. Sua fala sobre “fazer a boa política com respeito e amor pela cidade” soa como uma mensagem dirigida aos eleitores, e não apenas à prefeita. É o tipo de declaração que busca marcar posição e preparar terreno para o futuro, ainda que revestida de institucionalidade.

Nos bastidores, aliados próximos afirmam que o vice vinha tentando, há meses, promover uma rea-

proximação com lideranças regionais, especialmente com grupos políticos que se apresentam como alternativa à atual gestão. Isso reforça a percepção de que o rompimento não é apenas administrativo, mas também estratégico, e que Ramos Somar poderá ter papel relevante na reorganização das forças locais para a eleição de 2026.

O cenário político de Formosa, portanto, entra em uma nova fase. A saída do vice-prefeito da gestão municipal é mais do que um gesto simbólico, é um retrato do desgaste político e da perda de coesão que hoje atingem a Prefeitura. Resta saber se a prefeita conseguirá recompor a base e recuperar o apoio popular, ou se o movimento de Ramos Somar será o início de um rearranjo mais amplo, capaz de redesenhar o mapa político da cidade.

Com serenidade no tom, mas contundência nas entrelinhas, o vice-prefeito transformou sua nota em um ato político calculado. E, em uma cidade onde as alianças se fazem e se desfazem ao sabor das circunstâncias, seu gesto pode ser lembrado, no futuro, como o primeiro passo de uma nova disputa pelo poder em Formosa.

ANÁLISE

Gesto de Ramos evela crise no governo e redefine cenário para 2026 em Formosa

Felipe Neiva

O afastamento do vice-prefeito de Formosa, Ramos Somar, da rotina de atuação dentro da prefeitura, anunciado em tom sereno por meio de nota pública, não é um gesto inocente de dissenso administrativo, mas sim o sintoma de uma crise política mais profunda que vinha sendo gestada nos bastidores do governo municipal. A mensagem, redigida com cuidado, tenta preservar a imagem institucional, ao afirmar compromisso com a cidade e com o cargo, mas nas entrelinhas revela que a convivência entre o vice e a prefeita se tornou insustentável, fruto de diferenças acumuladas sobre prioridades, estilo de gestão e maneiras de ocupar a máquina pública. Esse tipo de ruptura, ainda que formalmente descrito como “distanciamento” ou “opção por linha de trabalho distinta”, tem efeitos práticos imediatos: reduz a pluralidade de vozes na tomada de decisões, fortalece a tendência à

centralização e deixa a administração mais vulnerável a erros de execução e desgaste de imagem.

Tecnicamente, a saída do vice das atividades operacionais significa perda de articulação e interlocução interna, pontos que costumavam equilibrar decisões e facilitar a implementação de políticas locais. Ramos Somar era, segundo aliados, um perfil técnico, de diálogo e mediação, qualidades que funcionavam como contrapeso à postura mais centralizadora atribuída à prefeita, que tende a concentrar decisões em um núcleo restrito de confiança. Com esse distanciamento, a gestão corre o risco de aprofundar uma lógica de governança verticalizada, em que feedbacks críticos são menos ouvidos e a capacidade de correção política e administrativa se reduz. Politicamente, a saída do vice é um aviso para a base: se um dos pilares da aliança rompe, outros atores podem repensar sua postura, vereadores podem recalibrar apoios, e lideranças locais que

se sentiam representadas por Ramos talvez busquem alternativas.

O cálculo político por trás do movimento de Ramos não pode ser subestimado. Ao adotar um tom institucional e ao mesmo tempo marcar distância, ele preserva o mandato, evita o desgaste de um confronto aberto e mantém intacto seu capital eleitoral, o que o deixa em posição mais confortável para se reposicionar rumo a 2026. Esse tipo de manobra é clássico entre gestores que optam por sair da linha de fogo da administração quando percebem que continuar junto pode corroer sua reputação. Ao declarar que não deixa de ser comprometido com a cidade, o vice tenta ocupar um espaço intermediário entre o apoio cego e a oposição declarada, buscando angariar a simpatia de eleitores que valorizam coerência e serenidade, e ao mesmo tempo sinalizar a insatisfação de quem estava desconfortável com rumos da gestão.

Para a prefeita, a ruptura

é um revés que exige reação rápida e eficiente. Perder um vice que atuava como ponte com setores distintos da cidade significa, além do impacto simbólico, uma necessidade urgente de rearticulação política. Se ela não conseguir recompor a base, aproximar novamente lideranças municipais e demonstrar resultados claros em áreas sensíveis, a percepção pública do governo pode migrar para a ideia de isolamento e ineficácia. Recuperar a confiança interna demanda mais do que declarações conciliatórias, é preciso reconstruir canais de diálogo, descentralizar decisões e recuperar a capacidade de entrega, sob risco de aprofundar a crise e ver o desgaste se converter em perda de apoio popular.

Nos bastidores, já se percebem movimentos de reagrupamento. Aliados de Ramos teriam intensificado contatos com lideranças regionais e com setores que se sentem desatendidos pela atual administração, o que reforça a hipótese de que o

afastamento tem também propósito estratégico. A política local tende a se reorganizar diante dessa nova configuração, e a figura do vice, livre da dependência direta do governo, pode vir a desempenhar papel relevante na recomposição das forças em disputa. Ao mesmo tempo, o quadro abre espaço para que atores independentes e vereadores oportunistas explorem a lacuna deixada pela cisão, negociando apoios e cargos, o que pode prolongar a sensação de instabilidade.

Em última análise, o episódio em Formosa é a concretização de uma equação já conhecida: alianças que nascem da conveniência eleitoral, sem tecido de diálogo sólido, terminam por rachar quando expostas ao teste da gestão cotidiana. A nota de Ramos, embora afável na forma, é dura no fundo, porque sinaliza o fim de um ciclo e o começo de outro, de realinhamentos, de disputa por hegemonia local e de uma revisão das prioridades administrativas. Resta agora ob-

servar quem terá capacidade de transformar esse momento de crise em oportunidade política sustentável, se o vice, consolidando-se como alternativa, ou a prefeita, reconstituindo base e respondendo com eficácia às demandas da cidade.

O efeito prático mais imediato será a governabilidade: sem a cooperação esperada entre os principais protagonistas do executivo municipal, a Prefeitura tende a enfrentar dificuldades maiores para implementar projetos, manter diálogo com o Legislativo e preservar a coesão de sua base. Politicamente, Formosa entra numa fase em que cada gesto terá peso dobrado, e em que o silêncio, por vezes, diz mais do que o discurso público; o afastamento de Ramos pode, paradoxalmente, ser o primeiro passo para uma nova trajetória, ou o sinal de um governo fadado à perda gradual de autoridade, dependendo da habilidade dos atores em recompor alianças e oferecer respostas concretas à população.

CULTURA

Menos virtual, mais arte para as crianças

Agentes culturais apontam a importância da arte frente a exaustiva exposição ao virtual

Luiz Eduardo Rosa

Muito do entretenimento nos primeiros anos de vida das pessoas vem para acalmar e chamar a atenção, sobretudo com celulares e tablets nas “mãozinhas”. Quando a arte não é mera distração, mas formadora do humano, se descortina um campo do sentir e do saber para além da iniciação escolar. Artistas, agente cultural e psicóloga descrevem por diferentes perspectivas como a expressão cultural participa da construção da personalidade e do caráter das pessoas desde pequenas, como também é um universo além do mundo digital.

A Companhia Boca do Lixo apresenta espetáculos circenses há 18 anos para um público de todas as idades. ZeckMutamba, palhaço Mutamba; Amanda Ricoldi, palhaça Siriema; e o seu mais novo integrante, filho do casal, Benjamin Ricoldi (10 anos), palhaço Amarelo, formam esta

Companhia. Eles trazem da palhaçaria a cultura popular brasileira, a educação ambiental e outras fontes de pesquisa para suas criações. “Buscamos uma linguagem universal para chegar às crianças como também aos pais, valorizando as tradições populares, mas também temas importantes como a educação ambiental, que fazemos de forma lúdica”, explica Siriema.

A todo o público a que eles se dedicam, as crianças tem um cuidado especial, inclusive sendo uma parte muito interessada da plateia. “Elas estão muito inseridas nas interações mais virtuais e tecnológicas, fora uma parte delas que estão em condomínios e apartamentos, então quando assistem aos nossos espetáculos parece um mundo novo para elas, uma magia”, explica Mutamba, que destaca que além de serem plateia, quando os pequenos tem contato com a formação cultural, todo esse processo passa a moldar o caráter da pessoa, sendo menos intolerante e se abrindo a novas experiências.

“A infância é um período em que ainda não foram formados os preconceitos, então as linguagens artís-



Siriema, Mutamba e Amarelo em um dos mais recentes espetáculos da Cia. Boca do Lixo, o “Inventando Moda”

ticas chegam em um momento em que contribui com a formação de sua personalidade e despertar cada vez mais um amor pela vida”, explica o produtor cultural Luiz Sérgio Fragelli, atua no setor desde 2004, que está à frente da Território Cultural, como integra outros projetos como o Pontão de Cultura Amigos do Cezinha, sediado em Anápolis (GO). Ele pontua que um dos cuidados com a linguagem de filmes, oficinas, aulas, espetáculos e atividades às crianças é que

precisam ter uma leveza, mas não podem deixar de ter um fundo de verdade.

O digital também é uma questão abordada por Luiz, tendo em vista que atualmente é um universo já entregue à criança, que muitas vezes é a saída mais cômoda para os pais. “Esse lugar da tecnologia e do virtual tudo ali já foi criado, já está pronto, se houvesse mais acesso à cultura para todos, ganharíamos essa disputa fácil, porque quando mostramos o mundo da arte, principalmente aos

pequenos, tudo se torna uma nova descoberta, um encanto”, explica Luiz Sérgio.

Terapia

Se a fruição (plateia) e a formação artística (oficinas) já contam com o potencial de ajudar a construir a personalidade do ser humano na infância, ela também é uma forma de expressão psicológica dos pequenos. “Quando desenha, dança, canta ou cria, a criança está expressando o que sente, se organizando por den-

tro e aprendendo a lidar com as próprias emoções”, explica a psicóloga e arte terapeuta, Carolina Dafico, que destaca que além das diferentes formas de acessar o mundo interno da criança, a arte é por excelência aquela em que ela se expressa sem moldes. Isso tendo em vista um contexto no momento da vida do ser humano em que a verbalização não é a principal forma de “falar ao mundo”.

“Ferramenta poderosa, tanto para casos de abusos e traumas severos, quanto também o luto”, aponta Carolina se referindo a arte. Tocando também na questão digital, o Brasil ocupa o 5º lugar de denúncias de abuso infantil pela internet, segundo dados o relatório InHope, entidade com 55 canais de combate a crimes pela internet que conta com uma comunicação direta com o Ministério Público Federal brasileiro. De forma geral, o abuso e exploração sexual infantil cresceu 195% nos últimos 4 anos, segundo o Ministério dos Direitos Humanos. Neste contexto, a terapia através da arte se torna uma das aliadas na detecção e combate a essa tragédia social, no qual o digital não é o ambiente seguro.

ESPORTE

Futebol não, política sim!

Saint Martin

Ninguém mais acende a TV por causa da Seleção, acendem por hábito, por obrigação, por curiosidade mórbida, como quem vai ao velório de um parente que sempre prometeu melhorar. Ligo a transmissão e encontro nomes que soam como notificação de banco: convocado, liberado, substituído, lesionado, publicidade. A mesma camisa amarela, que já cheirou a carnaval e revolução, hoje parece pano de fundo numa novela que ninguém escreve direito.

Há algo tragicômico na cena, jogadores que trocam de país, de clube, de empresário, de penteado, mas não trocam de discurso. Chegam com o quê? Educação tática e bom currículo europeu, ótimo, obrigado, mas vontade de estar ali, visceral, não é item do currículo. Vêm como quem vai a uma reunião, carimbam pre-

sença, deixam a foto e vão embora. O torcedor, que antes fazia reza, agora faz planilha mental: “Será que compensa perder o domingo por causa de uma data FIFA?” E decide que não compensa.

A imprensa, coitada, faz o maior esforço para manter a pira acesa. Produz dramaturgia onde não existe enredo, inflama debates sobre escalação como se a escolha do técnico fosse mais urgente que o concerto do país. A cobertura vira mercadoria, e a mercadoria precisa girar. É fácil entender por que, audiência é receita, receita é vida. Só que, para fingir que o povo liga, a manchete precisa gritar mais alto do que o tédio na arquibancada.

Os clubes seguem em festa privada. Flamengo e Palmeiras, por exemplo, jogam como quem tem serviço de streaming, produzem espetáculo, vendem emoção em parcelas, garantem assi-

nante. O torcedor de clube ainda tem alguém para amar com exclusividade, rituais, paciência para derrotas e prazer nas rivalidades. A Seleção, que já foi amante pública, virou affair burocrático, encontro marcado no calendário, obrigação social.

E assim vamos, caminhando para uma era em que a Copa do Mundo pode ser vista mais como convenção corporativa do que como liturgia popular. Aquele frisson coletivo, a rua vazia quando tinha jogo, foi substituído por debates acalorados sobre orçamento público, por eleições que ocupam as timelines como um mar de spoilers. A política já não é apenas tema, virou entretenimento principal, entrega cliffhangers diários, sustos, heróis e vilões, e o que é pior para o futebol, tem o poder de prender a plateia por tempo indeterminado.

Sinceramente, talvez o futebol nacional precise



Fabrício Bruno, ele também não liga

de humildade para admitir o que já se vê de longe, perdeu protagonismo cultural. Está mais ocupado em vender crachás, calendários e patrocinadores do que em reconquistar olhares. Reconquista não se compra, reconquista se provoca, com risco, com

invenção, com coragem de colocar a bola no pé de quem quer jogar de verdade, e não de quem apenas precisa cumprir tabela.

No fundo, o que mais dói é perceber que o brasileiro, tão vocacionado para o espetáculo, hoje prefere o circo onde se decide seu

dia a dia. Prefere política, prefere tensão com resultado imediato, prefere televisão que fala de sua vida real, ainda que amarga. O futebol, salvo os rachas e as alegrias de alguns clubes, virou distração de luxo, bonita nas propagandas, insípida na prática.

Se restar algum consolo, é que sempre haverá quem chore por um gol na madrugada, quem sonhe com dribles e samba de chuteiras, quem não tenha desistido da emoção. Mas esse alguém, hoje, é exceção, e a exceção se recusa a ser massa de manobra. Quer espetáculo? Que comece o show, que se acabe o cronograma das convocações sem sentido, que se devolva ao torcedor a chance de esquecer o mundo por noventa minutos. Até lá, a Seleção continuará parecendo um figurante no próprio país, e a nação, ocupada com outras paixões, pouco importará.